

DRAMATURGIA BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA

TEATRO



Recriação Livre
Caso Rei do Ouro

DOC COMPARATO

Recriação Livre

Caso Rei do Ouro

TEXTO TEATRAL
DE
DOC COMPARATO

DOC COMPARATO

Recriação Livre
Caso Rei do Ouro

DRAMATURGIA BRASILEIRA
CONTEMPORÂNEA

TEATRO

2020

ADVERTÊNCIA

É expressamente proibida a encenação, parcial ou total, pública, leituras, reuniões, reproduções, por amadores ou profissionais, ou qualquer outro tipo de difusão deste texto teatral, constituindo crime previsto em lei, estando o material registrado pela General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) e pela Associação Brasileira de Música e Artes (ABRAMUS) Todos os direitos são reservados, necessitando-se autorização do autor para esses propósitos.

SGAE - BRASIL: www.sgae.es
raraujo@sgae.com.br

ABRAMUS: www.abramus.org.br

COPYRIGHT WARNING

The plays here for sale are under registered copyright © by the author under the The General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) and also The Brazilian Society of Music and Arts (ABRAMUS). Copying the part or the entirety of these plays or using any copyrighted materials other than what the law allows may be subject to prosecution.

You are not allowed to copy, reproduce, broadcast, display, stage these plays or publish them on other web sites without prior written consent from the author. Under no circumstances the material can be used or published, in any way, for commercial or promotional purposes without prior authorization from the author.

Recriação Livre Caso Rei do Ouro

Doc Comparato

© 2020 by Doc Comparato

CAPA E DIAGRAMAÇÃO:

Everaldo Pinto Jr.

REVISÃO:

Werbeth Mousinho

Edição:

Circuito Editora

27.517.056/0001-74

www.circuito.rio.br

circuitorioeditora@gmail.com

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa do autor.

Registro Biblioteca Nacional: 2020.R.J.003496

Sócio SGAE: 97738

REGISTRO DOC: 823008819

skype: doccomparato

doccomparato@hotmail.com

+55 21 3042-9512 / +55 21 98201-4669

www.facebook.com/doccomparatodigital

www.doccomparato.com

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
BREVE RESUMO	11
CENA 1 Salão/Apartamento Rei do Ouro/Amanhece	12
CENA 2 Interior/Câmara de Acrílico Transparente/Amanhece	13
CENA 3 Exterior/Varanda/Apartamento/Dia	15
CENA 4 Salão/Apartamento Rei do Ouro/Dia	16
CENA 5 Interior/Câmara de Acrílico Transparente/Dia	19
CENA 6 Salão/Apartamento Rei do Ouro/Dia	22
CENA 7 Relógio de Pêndulo/Salão/Apartamento/Dia	24
CENA 8 Exterior/Varanda/Apartamento/Dia	26
CENA 9 Interior/Câmara de Acrílico Transparente/Dia	28
CENA 10 Salão/Apartamento Rei do Ouro/Noite	31
CENA 11 Ovo de Ouro/Salão/Apartamento/Noite	35
CENA 12 Salão/Apartamento Rei do Ouro/Noite	36
CENA 13 Interior/Câmara de Acrílico Transparente/Noite	37
CENA 14 Exterior/Varanda/Apartamento/Noite	38
CENA 15 Interior/Câmara de Acrílico Transparente/Noite	39

CENA 16 Exterior/Varanda/Apartamento/Noite	40
CENA 17 Ovo de Ouro/Salão/Apartamento/Noite	42
CENA 18 Salão/Apartamento Rei do Ouro/Noite	43
CENA 19 Exterior/Varanda/Apartamento/Noite	45
CENA 20 Ovo de Ouro/Salão/Apartamento/Noite	47
CENA 21 Salão/Apartamento Rei do Ouro/Noite	48
CENA 22 Exterior/Varanda/Apartamento/Noite	50
CENA 23 Ovo de Ouro/Salão/Apartamento/Noite	53
A NOTÍCIA Texto inspirado em fatos reais	54

APRESENTAÇÃO

No meu entender, o Teatro atualmente atravessa um momento nebuloso. Esta arte, das mais requintadas e antigas da humanidade, o artifício de personas representarem personagens para expor aspectos da condição humana, se encontra deturpada.

No palco se apresentam dançarinos, monólogos intermináveis, coletâneas de frases soltas de poetas variados, instalações, musicais estrangeiros, roteiros cinematográficos comprimidos num texto para duas pessoas, além das comédias baratas e outras sandices patrocinadas por falsos mecenas.

Enfim, só não existe o essencial: o verbo.

Nota:

Várias folhas foram escritas para este prólogo.
Hoje resolvi guardá-las: foram engavetadas.
Decidi me abrigar na Quinta Emenda da Constituição Americana,
que é a menos pior de todas, e me reservo o direito de ficar calado.

Doc Comparato

TRILOGIA DA RECRIAÇÃO

Primeira Peça:
RECRIAÇÃO LIVRE
CASO REI DO OURO

BREVE RESUMO

O Rei do Ouro é um bilionário cadeirante, que vive de forma isolada e conta com os serviços de um segurança particular e uma enfermeira. Para se distrair, ele propõe aos seus funcionários um jogo de enigmas, cujo o prêmio será um ovo de ouro maciço. Ao longo do desafio, serão revelados os segredos de cada personagem. O final é marcado por uma versão tríplice de eventos inesperados.

PERSONAGENS

REI - O Rei do Ouro tem entre sessenta e setenta anos, é cadeirante, um homem excêntrico, rico, malicioso, manipulador, gosta de fazer jogos de intriga, tem desprezo pelas pessoas. É paranoico. Sofre de pesadelos devido a uma culpa que guarda desde sua infância.

ENFERMEIRA - Tem por volta de trinta anos, bonita, sensual e inteligente, mas com um toque de ingenuidade. Excelente profissional, passional e suscetível. Sofre devido a sua culpa.

SEGURANÇA - Aparenta cerca trinta e cinco anos de idade, alto, forte, bonito, porte militar, ambicioso, possui natureza violenta e é sexualmente audacioso. Consegue desvendar o enigma do Rei. Não sente culpa.

NOTA

Sobre os enigmas:

O texto gira em torno dos enigmas de cada personagem, que se despem pouco a pouco revelando sentimentos e razões, até então, secretas. Trata-se de uma peça curta, intensa, por vezes pedante, todavia conta uma estrutura nova e com final em aberto: livre recriação ou especulações sobre um crime de repercussão internacional.

Em outras palavras, não são três pontos de vista sobre um grave evento, mas a exploração imaginária de três acontecimentos possíveis dentro do mesmo fato.

CENA 1

Salão/Apartamento Rei do Ouro/Amanhece

*Tudo escuro.
Abre-se o pano.*

*Ouve-se o badalar de um relógio de pêndulo.
Luz surge pouco a pouco.
A penumbra é cortada, subitamente e várias vezes, por um raio laser vermelho.
Trata-se de uma mira laser de uma sofisticada arma automática.
Um homem jovem e forte, trajando discreta roupa camuflada, caminha pelo ambiente rastreando um possível perigo.
Luz intensifica e vemos o relógio de pêndulo e uma pilastra baixa, barroca e de mármore, que sustenta um enorme ovo dourado que domina o ambiente.
Instantes.*

SEGURANÇA - Rastreamento de segurança terminado. Prosseguir protocolo.

O segurança aperta um dos botões de um painel recheado com diversos controles coloridos.

SEGURANÇA - Amanhecer.

*Instantes.
Luzes e atenções são desviadas para uma câmara de acrílico transparente (quarto), possuindo de um lado uma porta lateral e do outro uma espécie de ar condicionado, na verdade um moderno respirador. Ela deve aparentar uma câmara blindada com uma chaminé ou tubo de saída no teto (ou não).*

CENA 2

Interior/Camara de acrílico transparente/Amanhece

Escuta-se o chilrear dos pássaros, a câmara se ilumina com cores variadas, se possível uma projeção interna com florestas, sol ou amanhecer marítimo, som das ondas, etc...

Deitado numa cama de acrílico, um senhor coberto por uma manta branca e impecável, desperta. Senta-se sonolento. Uma porta lateral se abre e entra uma enfermeira, em torno de trinta anos, bonita e eficiente. Veste um estilizado e moderno uniforme, que não seja branco. Ela empurra um carrinho de acrílico com diversos remédios e um suposto café da manhã.

ENFERMEIRA - Bom dia, senhor.

Silêncio.

ENFERMEIRA - Pesadelo?

REI - Laranja.

ENFERMEIRA - Não, primeiro os remédios, depois o suco.

A enfermeira vai dando para ele diversos potes com gomas coloridas. Ele coloca na boca e come.

REI - ... Água barrenta, suja, esgoto, inundava a loja do meu pai... Tentávamos salvar as joias... E a água subia, subia... Alcançava as prateleiras mais altas... Não parava de subir... Quase até o teto. Minha mãe me chamava... Tudo inútil... No pesadelo, me afogo na água suja enquanto o ouro escapa pela vitrine quebrada...

ENFERMEIRA - Um dos pesadelos de sempre. Devia ter tomado os novos remédios receitados pelo médico inglês.

REI - Prepotente ele.

A enfermeira pega um coletor de urina masculino prateado (equipamento paramédico vulgarmente conhecido por compadre).

ENFERMEIRA - Hora de urinar. Exame diário.

REI - Laranja.

ENFERMEIRA - Já expliquei, senhor, que o suco...

REI - Agora.

ENFERMEIRA - Com certeza.

A enfermeira larga o coletor e entrega o suco de laranja ao rei.

Instantes.

Tudo escuro.

CENA 3

Exterior/Varanda/Apartamento/Dia

A luz de uma parte do palco se ilumina, vemos uma muralha baixa adornada por uma planta ou miniárvore.

Luz do dia.

Segurança está de camiseta e calção fazendo exercício.

Entra a enfermeira e acende um cigarro.

SEGURANÇA - Ele já disse.

ENFERMEIRA - Não precisa repetir.

SEGURANÇA - Também não gosto. Se ele descobre...

ENFERMEIRA - Só acorda de mau-humor.

A enfermeira apaga o cigarro num cinzeiro prateado de mão.

ENFERMEIRA - ...Uma prisioneira que não pode nem fumar, ter um telefone celular...

O segurança para de se exercitar e se aproxima dela.

SEGURANÇA - Ele teve pesadelo?

ENFERMEIRA - Como sempre. Mas acho que o patrão sofre mais com as convulsões.

SEGURANÇA - Ele já repetiu, não sei quantas vezes, que aguenta três delírios iniciais e que depois perde a força.

ENFERMEIRA - Não são três delírios. Ele utiliza outra palavra.

Silêncio.

SEGURANÇA - Devaneios. Três devaneios.

ENFERMEIRA - Tem boa memória. Não se esquece de nada.

Instantes.

Silêncio.

SEGURANÇA - As câmeras estão desligadas. Como sempre...

ENFERMEIRA - ...O patrão defende sua privacidade com unhas e dentes.

Instantes.

ENFERMEIRA - Diz... Gosto de ouvir.

SEGURANÇA - Parece um ritual diário...

ENFERMEIRA - De verdade, me ama?

SEGURANÇA - Não sei se vai dar tempo. Onde ele está?

ENFERMEIRA - Diz! Me ama. Está tomando banho.

SEGURANÇA - Então dá tempo.

O segurança abaixa o calção, vemos suas nádegas.

ENFERMEIRA - Preciso escutar a palavra amor.

SEGURANÇA - Amor é loucura... Adoro fazer uma loucura. Pronto.

Instantes.

Ele se vira, seu sexo fica encoberto pela muralha.

ENFERMEIRA - Em toda loucura existe uma razão. Um sentimento.

Instantes.

Ele empurra a cabeça dela para baixo.

Ela hesita por um tempo, depois se ajoelha.

Ela faz sexo oral com ele, ambos encobertos pela muralha.

Ele se contorce de prazer.

Momentos.

Entre movimentos e gemidos, ele parece ejacular.

Cai a luz até penumbra.

CENA 4

Salão/Apartamento Rei do Ouro/Dia

Luz se acende intensa sobre um grande salão.

Em destaque: a estátua do ovo dourado.

Vemos o rei do ouro, super bem-vestido, uma cadeira de rodas, trabalhando atrás de uma mesa de acrílico.

Na mesa existem poucos componentes: um caderno, um tinteiro com uma caneta de ouro espetada e uma placa de acrílico que parece ser a tela de um visor.

Ele parece ler algo na tela de acrílico.

REI - Ester, Ester, onde está? Enfermeira...

Instantes.

Na penumbra da varanda vemos que o segurança sai, enquanto Ester se levanta e ajeita o cabelo e a roupa. Se recompõe.

Luz na varanda se apaga totalmente.

A enfermeira Ester entra na sala segurando um copo alto com um creme branco.

ENFERMEIRA - Senhor, trouxe o seu iogurte suíço.

Ela pega uma longa colher de prata e mistura o creme branco no copo.

Entrega o copo para ele.

REI - Hoje me deu vontade de fazer uma audácia. Grandes negócios...

ENFERMEIRA - Beba seu iogurte... Vou ser sincera, esses jogos que o senhor inventa não têm a menor graça.

REI - Era uma só uma pergunta... Buscava ouvir uma resposta interessante. Só tem vocês dois aqui mesmo, e eu.

ENFERMEIRA - "Será servidão uma forma de amar?" Eu e Vitor tivemos a mesma resposta: depende.

Rei coloca o copo nos lábios, mas não bebe.

REI - Na Turquia ocorreu um terremoto...

ENFERMEIRA - Que tragédia. Vítimas?

Rei olha para a tela.

REI - Bastante... O preço do ouro subiu.

ENFERMEIRA - Beba o seu iogurte.

Rei devolve o copo para a enfermeira.

REI - Hoje não vou beber iogurte suíço. Quero grego. Dizem que a lactose faz mal ao iogurte. Ou algo parecido.

O rei ri.

ENFERMEIRA - Quantos?

REI - O quê?

ENFERMEIRA - Mortos no terremoto.

REI - Este apartamento é à prova de terremotos. Durmo numa câmara blindada. Portanto, não existe a mínima chance de ser atingido por algum fenômeno da natureza... Ou humana, seja bala, veneno ou explosão.

ENFERMEIRA - Nada pode lhe atingir.

REI - Nada vai me atingir. Sou o rei do ouro. Faço o mundo girar do meu universo blindado. Poderia me sentir um imortal.

ENFERMEIRA - Além de ser generoso.

REI - Tentando me adular de novo...

ENFERMEIRA - De maneira alguma, sei que detesta.

REI - O que faria pelo povo turco frente à catástrofe?

ENFERMEIRA - Seu critério está muito acima da minha competência do que decidir numa hora dessa. Talvez uma doação para a Cruz Vermelha Internacional.

REI - Tenho duas toneladas de ouro guardadas no Cofre Subterrâneo do Banco Central da Turquia. Depositadas no Departamento Antissísmico. Controlado pelos americanos.

ENFERMEIRA - Pode doar uns quilos.

REI - Nada disso. O preço já subiu. Vou vender tudo.

ENFERMEIRA - E isso quer dizer o quê?

REI - Que os holandeses vão comprar por um preço mais alto ainda. Será que não percebeu que quando acontece uma guerra, um cataclismo infestado de mortes anônimas, o dólar sobe e o ouro dispara? O preço vai às alturas. É hora de se fazer grandes negócios... Nesses momentos chego a ter admiração pelos tzares da indústria bélica. Acontecem tantas guerras.

*O rei aperta um botão.
A tela fica verde.*

REI - Alerta para os compradores de Amsterdam. Duas toneladas de ouro à venda.

*Instantes.
A enfermeira está estática segurando o copo e olha perplexa.*

REI - Está com olhar de peixe morto. Trabalha comigo há três anos e ainda não aprendeu que... Escute de uma vez por todas: homens são uns porcos que se alimentam de ouro.

Tudo escuro.

CENA 5

Exterior/Varanda/Apartamento/Dia

Luz na varanda se acende.

Segurança armado todo vestido de negro olha de binóculos para a plateia.

Busca inimigos.

Instantes.

SEGURANÇA - Pode entrar, meu senhor.

A enfermeira entra empurrando a cadeira de rodas com o rei do ouro. Suas pernas estão cobertas por uma manta furta-cor moderna e ele usa óculos escuros.

SEGURANÇA - Rastreamento de segurança da varanda completo.

A enfermeira sai.

REI - Quer dizer que não existe nenhum atirador de elite escondido atrás daquele morro lá?

SEGURANÇA - Não, senhor. Deseja que revise a área com o binóculo?

REI - Por que fala como se fosse uma máquina?

SEGURANÇA - Porque sou uma arma de guerra. Todos os meus sentidos estão sempre em alerta. Minha função é protegê-lo.

REI - Também está me adulando?

SEGURANÇA - Jamais.

REI - Nunca diga "jamais"... E jamais diga "nunca"...

Silêncio.

REI - Sabe das notícias?

SEGURANÇA - Três pessoas foram esmagadas por tratores de limpeza numa praia no Caribe.

REI - Surpreendente. Seu mundo é feito de simplicidade... Vigor...

SEGURANÇA - Mas sou um ninguém.

REI - Até um banqueiro não é ninguém.

SEGURANÇA - Não estou entendendo.

REI - Exemplificando: João vai ao banco e pede emprestado dez dinheiros para comprar a bicicleta do Mário. Está escutando?

SEGURANÇA - Perfeitamente.

REI - Mário vende a bicicleta e deposita os dez dinheiros no banco. Pergunta: quanto dinheiro tem no banco?

SEGURANÇA - Dez dinheiros.

REI - Não. Vinte dinheiros. Dez dinheiros que João pediu emprestados e dez dinheiros que o Mário depositou.

SEGURANÇA - E onde quer chegar?

REI - Ótima pergunta. A qualidade que mais admiro nos Joãos-Ninguéns é a esperteza... Existe gente de primeira classe em todas as classes. Nazistas em todas as raças e bichinhos em todos os sexos, como se fossem carrapatos que só vieram ao mundo para irritar a virilha do próximo.

*Escuta-se o badalar do relógio de pêndulo.
Foco de luz sobre ele.*

SEGURANÇA - Seu banho de sol já foi suficiente. Vou chamar a enfermeira...

REI - Quem é mais esperto aqui, você ou ela? O homem ou a mulher?

SEGURANÇA - Não sei... Nunca pensei nisso.

REI - De novo: nunca. No entanto este nunca já não é "nunca". Deve ter acabado de pensar que é mais esperto que ela...

*Silêncio.
Entra a enfermeira.*

REI - O segurança Vitor pensa que é mais esperto que você.

Ela reage.

ENFERMEIRA - Como assim?

SEGURANÇA - Desculpe, o senhor está colocando palavras em minha boca.

REI - Pensou ou não pensou? Diga a verdade. Lembre-se que ninguém me engana.

SEGURANÇA - Pensei.

REI - Ótimo. Vou fazer vocês pensarem grande, mesmo sendo pequenos, Joãos e Joanas Ninguéns.

A enfermeira se coloca atrás da cadeira de rodas.

REI - Ester disse que meus jogos eram sem graça. Foi o suficiente para acrescentar ao jogo aqueles sentimentos humanos medíocres... A inveja, o ciúme, a ambição, a cobiça...

ENFERMEIRA - É hora do seu coquetel de vitaminas.

REI - É só pingar uma gota de ouro... Um pingo de ouro é capaz de envenenar qualquer coisa, até um jogo sem graça.

ENFERMEIRA - O coquetel de vitaminas francesas.

REI - Prefiro assistir a um coquetel de emoções vulgares fervilhando diante dos meus olhos, como se fosse um filme de ação.

ENFERMEIRA - O que pretende, meu senhor?

REI - O mais esperto entre vocês vai ganhar de presente: o ovo de ouro maciço.

Foco de luz sobre o ovo de ouro.

SEGURANÇA - Uma fortuna.

ENFERMEIRA - E aquele que perder?

REI - Perde tudo. O emprego e a indenização.

Silêncio.

REI - Vamos jogar o dia inteiro.

ENFERMEIRA - Jogar o quê?

REI - O jogo dos enigmas. Um desafio para revelar quanto vale cada imperfeição humana. O peso de cada pecado. Quais serão os piores? Todos merecem o mesmo castigo?

Tudo escuro.

CENA 6

Salão/Apartamento Rei do Ouro/Dia

Rei está trabalhando à mesa. Números aparecem na tela de acrílico.

REI - O ouro subiu na Holanda. Ganhei alguns trocados...

Segurança se apresenta. Ele veste terno escuro.

SEGURANÇA - Então está satisfeito.

Ester, a enfermeira, se apresenta.

ENFERMEIRA - Precisa que avise ao escritório da Turquia para enviar o ouro para Amsterdam?

REI - De forma alguma. Já vou revender duas toneladas de ouro... Para onde?

Silêncio.

SEGURANÇA - França.

REI - Palpite errado. O ouro na França sobe devagar. Como dizem os ingleses: os franceses são avarentos.

ENFERMEIRA - Inglaterra.

REI - Londres, não. Como dizem os franceses: os ingleses são uns corsários. Eles fizeram uma rapinagem no mundo e saíram como heróis.

SEGURANÇA - Nova Iorque, Estados Unidos.

REI - Nem pensar. Lá é o centro do mundo. Todo centro tem um buraco no meio. Um buraco negro. Foi lá que o maior larápio do mundo chegou a ser presidente da bolsa de valores... Chicago... Vamos para Chicago. Para a América profunda. Os preços lá flutuam como se estivéssemos em uma roleta em Las Vegas.

O rei aperta um botão.

REI - Vender todo o meu ouro da Holanda e transferir a receita para Chicago. O ouro está baixo lá e vai subir com minhas duas toneladas. É só esperar...

Ele gira as rodas da cadeira até o centro da sala.

REI - Um enigma: o que é, o que é? Nunca passa e sempre está na frente?

Silêncio.

ENFERMEIRA - Nunca passa...

SEGURANÇA - Sempre na frente...

ENFERMEIRA - Seus negócios, seu talento...

SEGURANÇA - Estão sempre acontecendo e na frente dos outros.

O rei trava a cadeira de rodas.

REI - Um bando de puxa-sacos. É o futuro.

O rei olha para a tela de acrílico.

REI - O ouro está subindo em Chicago. Já não tenho duas toneladas. Tenho três toneladas de ouro.

ENFERMEIRA - Quase na hora do almoço.

REI - O que é, o que é? Quanto maior, menos se vê?

Silêncio.

REI - A escuridão. Seja ela qual for.

Tudo escuro.

CENA 7

Relógio de Pêndulo/Salão/Apartamento/Dia

*Foco de luz sobre o relógio de pêndulo.
O relógio toca seu breve carrilhão, marcando a hora.
O rei e o segurança conversam ao lado.*

REI - Descreva o prazer que tem com ela.

SEGURANÇA - Eu e a Ester nunca nos tocamos.

REI - Não seja mentiroso. A varanda cheira a sexo.

Instantes.

REI - Odeio ser espionado por telefones, câmeras e microfones... A ralé é que deve ser vigiada. Eu treino meus sentidos, exercito as capacidades mais primitivas: o olfato, a audição, o paladar... Sabe por quê? Para quê? Só conto com eles para intuir o caminho dos bons negócios e grandes negociatas.

Instantes.

REI - A varanda cheira a sexo.

SEGURANÇA - Bem... Aconteceram algumas coisas.

REI - Continua.

SEGURANÇA - Ester possui uns lábios carnudos, provocantes... Então abaixo o calção e enfio meu membro empinado ali dentro... Mas o prazer não acaba aí. Aperto os seios dela contra meu corpo... E as pontas dos mamilos dela endurecem como morangos nas minhas coxas... Em seguida jorro leite.

REI - Invejável.

SEGURANÇA - Acho que o patrão diria que são os sentidos do prazer.

REI - E quem disse que não os tenho? Quando ganho dinheiro, tenho um prazer enorme. E, acredite, talvez mais intenso que o sexual.

SEGURANÇA - Um vício.

REI - ...O templo do vício tem três pilastras centrais: o sexo, o poder e o ouro.

SEGURANÇA - Por que esses três vícios são mais importantes?

REI - Porque todos três contêm a marca do medo de perder e a excitação de ganhar tudo.

Tudo escuro.

CENA 8

Interior/Camara de Acrílico Transparente/Dia

Luz na câmara blindada.

A enfermeira entra empurrando um carrinho com um almoço disposto num sofisticado conjunto de louças e pratarias.

Entra o rei do ouro e se coloca à frente do carrinho do almoço.

A enfermeira fica em pé ao seu lado, depois de prender um fino guardanapo branco sobre a roupa do rei.

ENFERMEIRA - O senhor não está seguindo as orientações da nutricionista.

REI - Sigo a minha vontade.

ENFERMEIRA - Mas ela estudou, conhece as leis que regem o seu sistema metabólico.

REI - Confesso que acredito pouco nas leis. Se são duras para uns e transgressíveis para outros, não valem nada... Depois, mudam mais devagar que os costumes e realidade da vida e, portanto, já nascem ultrapassadas... E pior: se tornam incendiárias quando pretendem preceder a moral e a existência dos seres humanos...

ENFERMEIRA - E as leis de Deus?

REI - Qual delas? Porque, pense bem, as maiores religiões do mundo são prisioneiras de livros cheios de leis... A Bíblia, o Corão, a Torá... São livros sangrentos cheios de ódios, fratricídios, pragas, dilúvios... E essas matanças divinas são as raízes mais profundas de todas as guerras que aconteceram, acontecem e vão acontecer, seja qual for o pretexto utilizado... As religiões são grandes negócios, cuja moeda corrente é a fé dos fiéis.

ENFERMEIRA - Então come. Hora do almoço.

REI - Não sou uma criança.

ENFERMEIRA - Está se comportando como um menino birrento.

REI - Não, menino mimado. Era assim que minha mãe me chamava.

ENFERMEIRA - Vamos começar pela salada?

Enfermeira levanta um garfo com salada.

REI - Mamãe era exemplar na cozinha. Eu ficava plantado na loja do meu pai, só sentindo o cheiro da comida... E admirando o ouro... Minha mãe morreu chamando por mim...

ENFERMEIRA - Já entendi, não quer salada. Caldo de carne ou de peixe?

REI - Depois que a minha mãe morreu, passei uma eternidade escondido debaixo do balcão. Tudo escuro... Depois de um tempo saí engatinhando... E enxerguei pelo vidro da vitrine um mundo igual, feliz, que devia estar triste... Mas não, ele continuava igual... Foi quando apareceu meu ódio pela humanidade.

Silêncio.

A enfermeira tampa o prato com um abafador de prata.

ENFERMEIRA - Com certeza perdeu o apetite.

REI - Pedi de sobremesa figo... E mel.

*Enfermeira entrega um prato com figo para ele, enquanto segura uma melgueira de cristal (recipiente refinado para servir mel).
O rei segura o figo e o abre com a mão.*

REI - Marinheiros de um navio fizeram uma mulher de borracha para matar o tempo e satisfazer os desejos que sentiam durante os meses no mar.

*A enfermeira despeja um fio de mel sobre o figo.
Ele aproxima o figo da boca.*

REI - A mulher foi feita com tanta formosura que proporcionava a ilusão perfeita do seu orifício rosado e doce, que satisfazia todos os marujos.

O rei lambe o mel sobre o figo.

REI - Os marinheiros a amavam e a levavam para a cama a todo instante...

*O rei suga parte do figo com mel.
Instantes.*

REI - A mulher de borracha... Flexível, bondosa, generosa e usada.

ENFERMEIRA - O que quer dizer com essa história?

REI - O que é, o que é? Quem é escrava de todos os desejos de Vitor?

CENA 9

Exterior/Varanda/Apartamento/Dia

*A luz da parte do palco onde está a varanda se ilumina.
Segurança Vitor está presente.
Instantes.
Chega Ester.*

SEGURANÇA - Onde ele está?

*A caixa de acrílico se ilumina levemente em amarelo.
Vemos o rei do ouro dormindo com uma máscara dourada nos olhos.*

ENFERMEIRA - Tirando um cochilo depois do almoço. Receita de um especialista espanhol para longevidade.

O segurança se aproxima dela.

SEGURANÇA - Então temos tempo?

ENFERMEIRA - Desligou todas as câmeras?

SEGURANÇA - Claro. Sempre desligadas.

*Ele vai abrindo as calças.
Enfermeira interrompe.*

ENFERMEIRA - De verdade, me ama? Diz... Me ama.

SEGURANÇA - Já disse mil vezes: amor, loucura...

ENFERMEIRA - Me acha uma mulher generosa... Gostosa?

SEGURANÇA - Que conversa é essa?

A enfermeira levanta a saia e tira a calcinha enquanto fala.

ENFERMEIRA - Me acha uma formosura? Sabe que tenho um orifício rosado e doce?

*Ele estende a calcinha até o nariz dele.
Luz da caixa de acrílico se apaga.
Instantes.*

ENFERMEIRA - Gosta do meu cheiro? Te atrai?

*A calcinha cai no chão.
Ela coloca as mãos sobre os ombros dele tentando baixá-lo.*

ENFERMEIRA - Hoje quero tudo diferente. Me beije na boca.

Segurança aproxima sua boca do rosto dela.

SEGURANÇA - E depois...

ENFERMEIRA - Lambe o mel que escorre pelas minhas pernas...

SEGURANÇA - Não é assim que a gente faz.

ENFERMEIRA - É assim que quero fazer.

*Ela vai empurrando-o para baixo.
Ele hesita, mas desce lentamente.*

SEGURANÇA - Acho que ele está acordando.

ENFERMEIRA - Quem? Eu...? O patrão...? Você...?

Silêncio.

ENFERMEIRA - Conhece a história da mulher de borracha?

SEGURANÇA - Claro. Lenda de marinheiros. História de pescador.

ENFERMEIRA - Seja lá o que for, aviso: não sou flexível como uma mulher-borracha. Sou guiada por um sentimento que desconhece: amor.

SEGURANÇA - Para com essa chatice.

ENFERMEIRA - Então se ajoelhe e levante minha saia...

*Silêncio.
Eles se entreolham por um instante.*

SEGURANÇA - Não quero uma mulher de borracha.

ENFERMEIRA - Não sou.

SEGURANÇA - É, sim.

ENFERMEIRA - Como assim?

SEGURANÇA - Toda mulher é de borracha. Sabe o que aconteceu com a verdadeira? Passou sífilis para todos os marujos.

Segurança se levanta.

Foco se acende sobre a calcinha no chão.

SEGURANÇA - Todos ficaram doentes. Antes de morrer, queimaram a boneca de borracha.

ENFERMEIRA - Vai me queimar feito uma bruxa?

SEGURANÇA - Você? Já está queimada. Vou ganhar o jogo e me mandar...
Bruxa.

Luz cai geral.

Foco sobre a calcinha se mantem.

Tudo escuro.

CENA 10

Salão/Apartamento Rei do Ouro/Noite

Luz no salão.

O relógio de pêndulo toca.

Instantes.

O rei do ouro se apresenta em sua cadeira de rodas olhando a tela de acrílico, que está iluminada.

REI - O preço do ouro em Chicago atingiu o máximo...

Entra a enfermeira.

ENFERMEIRA - Vejo que está adorando o dia. Joga sem parar.

REI - Jogar é um gozo. É conseguir revelar a solução de um quebra-cabeça, como uma plateia que entra num jogo teatral esperando pelo final inesperado.

ENFERMEIRA - E se não tiver um final surpreendente?

REI - Não tem problema. O autor pode até escrever vários finais.

ENFERMEIRA - E como saber qual o verdadeiro?

REI - Importante é a interpretação de cada espectador... Cada um encontra uma resposta para o seu próprio enigma.

Instantes.

REI - Já sei. Vou vender todo o ouro de Chicago e enviar para...

ENFERMEIRA - Brasil.

REI - Brasil?! Que país complicado. Roubaram duas toneladas de ouro na porta de um avião de carga. Parece que pegaram os bandidos... Uns bandidos de aluguel. Porque até agora não sabem quem estava exportando o ouro ou comprando. Um negócio obscuro. A imprensa, que é sempre honesta, trabalhadora e isenta, se calou. Abafou o nome dos verdadeiros donos da operação.

ENFERMEIRA - Sim, mas é o seu país.

REI - Tenho cinco nacionalidades... Existe gente importante por trás daquelas toneladas. É como se diz: no Brasil só entra tostão e sai milhão.

ENFERMEIRA - Mas o ouro de Chicago, então, vai para onde?

Segurança entra.

SEGURANÇA - Desculpe interromper... Se me permite, vou responder: para lugar nenhum, dona Ester. Vai continuar parado nos cofres da Turquia.-

REI - O ouro não sai do lugar. É o preço que roda pelo mundo. A natureza está escrita em linguagem matemática. Todas as naturezas, inclusive a humana. O valor de qualquer metal vai pulando igual a uma perereca pelas bolsas de valores do mundo. É um jogo, como outro qualquer. Compra e venda, venda e compra. No ouro não se mexe.

O segurança ri.

REI - Do que está rindo?

SEGURANÇA - Da perereca...

REI - O sentido oculto das palavras... Perereca. Pode ser um batráquio, sapo, ou uma gíria ofensiva do órgão sexual feminino.

Silêncio.

ENFERMEIRA - Esse assalto no Brasil foi tão estranho...

REI - O essencial, ao contrário do que todo mundo imagina, não é invisível aos olhos. O mistério e a vida sempre estão visíveis aos olhos de qualquer um.

ENFERMEIRA - O senhor sabe quem foi?

REI - Foi um dos barões do mercado paralelo do dólar e do ouro. Mas como sou rei, fiquei calado. Nem um jornalista me ligou... "A montanha não se move". É um dito japonês. E sou a montanha de ouro.

SEGURANÇA - Ninguém é capaz de escalar essa montanha, não é mesmo, senhor?

REI - Penso que não... Ou melhor, a gosma dos seres humanos insignificantes. Só ela é capaz de corroer e subir pelas reentrâncias do ouro... Sabe como se chama essa gosma? Sangue. Todo dinheiro, qualquer nota, tem um rastro de sangue e sentimentos mesquinhos.

Instantes.

REI - Estou curioso. Qual dos dois vai ganhar a aposta?

Silêncio.

REI - O que é, o que é? Que profissão é capaz de continuar até o fim dos tempos, apesar da inteligência artificial, dos robôs e de toda a modernidade digital?

ENFERMEIRA - Mãe?

REI - Errou.

SEGURANÇA - Segurança?

REI - Errou. Até agora ninguém está ganhando o ovo de ouro... Qual é a profissão?

ENFERMEIRA - Dá uma pista.

SEGURANÇA - Assim não vale.

REI - Basta. A resposta é simples. A última profissão a acabar, foi a primeira que começou: a prostituição, com seus tipos e subtipos.

O relógio de pêndulo toca.

REI - Não conseguem solucionar nenhum enigma.

Instantes.

REI - Vocês não me estimulam. Não passam de insignificantes Joãos e Marias-Ninguéns.

Instantes.

ENFERMEIRA - O pêndulo tocou. É hora do lanche.

O rei olha para o ovo de ouro maciço.

REI - Outro enigma.

Luz sobre o ovo de ouro e o rei.

REI - O que é, o que é? Quanto mais se perde, mais se tem?

O rei do ouro olha para a tela de acrílico e aperta alguns botões.

REI - Pronto. As duas toneladas de ouro voltaram para a Turquia... Com meu lucro dá para comprar três toneladas em Istambul... Enfim, continuo possuindo duas toneladas de ouro físico e uma tonelada virtual... E nenhum de vocês dois ganhou a aposta.

SEGURANÇA - Mais se perde, mais se tem... O sono.

REI - Parabéns. Sono... Mas com pesadelos ou sem pesadelos? A vida é um pesadelo. Surgimos de um mistério e retornamos para um enigma.

*Nesse instante o rei começa a ter uma convulsão.
Suas mãos começam a tremer, seu rosto a entortar.*

REI - Mamãe era exemplar na cozinha. Eu ficava plantado na loja do meu pai, só sentindo o cheiro da comida... E admirando o ouro... Minha mãe morreu chamando por mim... Água barrenta, suja, esgoto, inundava a loja do meu pai...

*Rei se contorce e saliva lhe escorre pela boca.
Enfermeira vai buscar um frasco cheio de pílulas coloridas e abre.*

ENFERMEIRA - Ele está tendo uma convulsão.

SEGURANÇA - Será que os três devaneios já passaram?

O segurança corre até ela.

REI - Tentava salvar as joias... E a água subia, subia... Alcançava as prateleiras mais altas... Não parava de subir... Quase até o teto. Minha mãe me chamava, pedia por socorro, pois não sabia nadar... Enquanto meu pai mandava recolher as joias numa toalha para que elas não escapassem pela vitrine quebrada...

O segurança agarra a mão de Ester.

SEGURANÇA - Ganhei o jogo.

REI - Meu pai dizia: o tempo pode parar, até voltar para trás... Mas o ouro é para sempre. O ouro apaga até um afogamento. Meu remédio... Remédio... Minhas pílulas...

Segurança e enfermeira disputam quem vai levar o frasco para o rei.

SEGURANÇA - Agora sou quem vai dar os comprimidos para ele!

ENFERMEIRA - Nem pense nisso! É minha função. Solte a minha mão! Meu braço.

*O frasco cai e se abre, espalhando os comprimidos.
Segurança e enfermeira ficam estáticos olhando os comprimidos no chão.
O rei piora sua convulsão.*

REI - Insignificantes... Repletos de sentimentos imperfeitos... Desconhecem que as dores insuportáveis não são físicas.

*Agora gira os olhos e respira com dificuldade.
Foco sobre ele. Instantes.
Tudo escuro.*

CENA 11

Ovo de Ouro/Salão/Apartamento/Noite

Fumaça toma conta.

Luz pouco a pouco ilumina o ovo.

Outro foco de luz ilumina o relógio de pêndulo, que toca seu carrilhão.

O segurança se aproxima do ovo segurando um papel.

Sua camisa está manchada de sangue.

Foco no rosto do segurança.

SEGURANÇA - Não ouvi, policial... O que perguntou, inspetor?

Segurança... Segurança Vitor Medeiros Klim, esse é meu nome... Como pode ver na declaração, fui presenteado com o ovo de ouro maciço... Aquele ali...

Segurança aponta para o ovo e mostra o papel.

SEGURANÇA - Por favor, nem brinque com isso... A história não foi nada disso... Fizemos uma aposta. Eu ganhei... Além de... O que? Quer que repita tudo de novo...

Silêncio.

SEGURANÇA - Mais uma vez... Não acredita no que contei? Não... Por enquanto não preciso de advogado. Vou contar a verdade outra vez... E se for preciso, mil vezes...

Instantes.

Tudo escuro.

CENA 12

Salão/Apartamento Rei do Ouro/Noite

*Luz cresce pouco a pouco.
Mesma ambientação e postura que a Cena 10.
Segurança e enfermeira ficam estáticos olhando os comprimidos espalhados.
O rei piora sua convulsão.*

REI - O tempo pode parar, até voltar para trás... Ouro é para sempre.

*Agora gira os olhos e respira com dificuldade.
Segurança empurra Ester e ela cai no chão.
Segurança enche a mão de comprimidos.
Vai até o rei e enfia os remédios em sua boca.
Instantes.
O rei melhora.
Ester se aproxima.*

ENFERMEIRA - Está melhor, meu senhor? A crise passou?

REI - Sim... Graças ao segurança.

ENFERMEIRA - Ele não me deixou dar o seu remédio. Me empurrou.

SEGURANÇA - Mentirosa... Uma Eva. Sempre se colocou como um muro entre mim e o patrão.

REI - Basta. Vitor é o vencedor e o caso está encerrado...

*Nesse instante, escuta-se um ruído.
Uma luz vermelha pisca.*

SEGURANÇA - Alguém está tentando alcançar a varanda. Andem logo para o quarto blindado.

REI - O que está esperando, Ester?

*Ester empurra a cadeira de rodas e entra por trás no quarto blindado.
Enquanto isso, o segurança pega sua arma, liga a mira laser e corre para a varanda.
Luz do salão cai.*

CENA 13

Exterior/Varanda/Apartamento/Noite

Penumbra.

Segurança entra e aponta a mira laser para a plateia em busca de inimigos.

Instantes.

Em concomitância.

CENA 14

Interior/Câmara de Acrílico Transparente/Noite

A câmara se ilumina.

Rei e Ester escutam.

ENFERMEIRA - Não pode fazer isso... Não deve acreditar nele.

REI - Ele está me salvando agora. Fique calada, por favor.

ENFERMEIRA - Só eu sabia qual o remédio que devia lhe dar!

REI - Ele me contou que tentou me envenenar com iogurte.

ENFERMEIRA - Os homens são todos iguais...

CENA 15

Exterior/Varanda/Apartamento/Noite

Segurança atira.

Instantes.

Do fundo da plateia um raio laser o atinge na lateral do abdômen.

A luz da varanda se torna vermelha.

E uma mancha de sangue surge na camisa.

Ele grita.

Luz se apaga.

CENA 16

Interior/Camara de Acrílico Transparente/Noite

Voltamos à mesma ambientação.

REI - O que será que aconteceu? Será que ele morreu?

Enfermeira segura o choro.

ENFERMEIRA - Se minha paixão morre... Não desejo mais nada da vida.

REI - Não sabia que eram apaixonados.

ENFERMEIRA - Mais que isso. Íamos nos casar.

REI - Que absurdo. Ele abusa de você, como se fosse uma mulher-borracha.

ENFERMEIRA - Gosto de ser escrava dele.

Silêncio.

REI - Como pode ser tão contraditória?

ENFERMEIRA - Sou o que todo mundo é, cheia de defeitos de fábrica.

REI - Vitor é violento. Um segurança. Foi treinado para ser agressivo.

ENFERMEIRA - Não tenho medo da morte... Ela me fascina.

Ela caminha e pega uma gravata em cima da cama, onde estão algumas roupas.

E de imediato enrola a gravata no pescoço do rei.

REI - O que está fazendo?

ENFERMEIRA - O que deveria ter feito há tempos.

Ela puxa a gravata com toda sua força.

Ela quer enforcar o rei.

REI - Por favor... Piedade... Não sabia que me odiava tanto.

ENFERMEIRA - Tarde demais...

REI - Não... Não! Te dou o ovo ouro.

ENFERMEIRA - Tarde demais... Até os vícios enjoam. As prostitutas velhas se tornam lésbicas ou religiosas. Passam a odiar o seu passado. O jogo acabou.

O rei agoniza e morre enforcado.

Foco sobre o cadáver enforcado na cadeira de rodas.

Imediatamente enfermeira pega um frasco repleto de comprimidos e despeja sobre sua própria boca.

Instantes.

Ela vai perdendo forças pouco a pouco e agoniza deslizando pela parede transparente.

Ambos morrem.

Tudo escuro.

CENA 17

Ovo de Ouro/Salão/Apartamento/Noite

Fumaça toma conta.

Luz pouco a pouco ilumina o ovo.

Outro foco de luz ilumina o relógio de pêndulo, que toca seu carrilhão.

A enfermeira se aproxima do ovo segurando um papel.

Foco no rosto da enfermeira.

ENFERMEIRA - Não ouvi, policial... O que perguntou, inspetor?

Enfermeira... Enfermeira Ester Medeiros Klim, esse é meu nome... Como pode ver na declaração, fui presenteada com o ovo de ouro maciço.

Ela mostra o papel.

ENFERMEIRA - Por favor, nem brinque com isso... A história não foi nada disso... Fizemos uma aposta. Eu ganhei... Além de... O que? Quer que repita tudo de novo...

Silêncio.

ENFERMEIRA - Mais uma vez... Não acredita no que contei? Não... Por enquanto não preciso de advogado. Vou contar a verdade outra vez... E se for preciso, mil vezes...

Instantes.

Tudo escuro.

CENA 18

Salão/Apartamento Rei do Ouro/Noite

Luz cresce pouco a pouco.

Mesma ambientação e postura que a Cena 10.

Segurança e enfermeira ficam estáticos olhando os comprimidos espalhados.

O rei piora sua convulsão.

REI - O tempo pode parar, sua mãe se afogar... Ouro é para sempre.

Agora gira os olhos e respira com dificuldade.

Ester empurra segurança, ele tropeça e cai no chão.

Ester enche a mão de comprimidos.

Vai até o rei e enfia os remédios em sua boca.

Instantes.

O rei melhora.

Segurança se aproxima.

SEGURANÇA - Está melhor, meu senhor? A crise passou? E os três devaneios?

REI - Sim... Graças à enfermeira.

SEGURANÇA - Ela não queria que eu desse o remédio. Me empurrou.

ENFERMEIRA - Mentiroso... Um machista. Sempre se colocou como um muro entre mim e o patrão.

REI - Basta. Ester é a vencedora e o caso está encerrado...

SEGURANÇA - Não era esse o jogo... Ninguém se lembra? ...O que é, o que é? Quanto mais se perde, mais se tem? Respondi certo... o sono.

REI - Com pesadelos, o que me trouxe péssimas lembranças.

ENFERMEIRA - Fui eu que salvei o patrão. Entre a vida e um jogo de palavras, o que é mais importante?

SEGURANÇA - Ganhei o jogo.

REI - Acabo de mudar as regras.

SEGURANÇA - Como assim?

REI - Meu ouro muda tudo. Até a rotação da Terra.

Nesse instante, escuta-se um ruído.

Uma luz vermelha pisca.

SEGURANÇA - Alguém está tentando alcançar a varanda. Vou levar o senhor para a câmara blindada.

REI - O que está esperando, Ester? Ajude a empurrar a cadeira.

Ester empurra a cadeira de rodas e, ao entrar, o segurança a impede.

Dá uma coronhada com uma arma na cabeça da enfermeira.

Ester, desacordada, cai no chão.

Segurança e rei entram câmara adentro.

Cai a luz.

CENA 19

Interior/Câmara de Acrílico Transparente/Noite

*Luz total sobre a câmara de acrílico transparente.
Vemos rei de ouro e segurança.
Segurança puxa uma alavanca.*

REI - O que está fazendo?

SEGURANÇA - Impedindo a entrada de algum terrorista na câmara de segurança.

REI - Quem lhe deu essa ordem?

SEGURANÇA - O ser insignificante que me tornei desde que vim trabalhar aqui... E meus sentimentos imperfeitos com que fui contaminado.

Enfermeira, inconsciente, continua caída no chão.

REI - Não fique amargurado. O que passou, passou.

SEGURANÇA - Passou? O nosso caso de amor é mais antigo que a paralisia de suas pernas.

REI - Exijo que chame a Ester e abra essa porta.

SEGURANÇA - Desde que essa mulher chegou aqui, meu mundo veio a baixo. Não recebi nenhum carinho seu... Nem um sopro no meu pescoço. Nem uma migalha de seu ouro como esmola.

REI - Nunca mais me tocou... Não me excita... Não me satisfaz.

SEGURANÇA - E ela consegue?

REI - A intimidade dos corpos é muito mais que uma volúpia sensual. É a integração das energias.

Enquanto o rei fala, o segurança enrola uma pistola numa toalha branca.

SEGURANÇA - E ela consegue isso a custa de seu ouro. Da herança que deve ter prometido a ela, e que exijo que seja para mim. Afinal, vivemos anos juntos. Tenho direitos legais.

REI - Direitos legais... O ouro é a substância mais misteriosa do universo. Capaz de tudo. Até fazer nascer novos prazeres, jamais experimentados. O toque de Ester, por exemplo.

SEGURANÇA - Transformamos pecados em virtudes. Nós nos beijávamos na boca, depois nos lambíamos como dois animais no cio. Pensa que gostava de suas pelancas, seu cheio amargo... Não, não gostava... Mas agora sinto falta.

REI - Pare. Não quero escutar mais nada. Essa história acabou. Está despedido.

SEGURANÇA - Mas só se levar o ovo de ouro.

REI - Isso nunca. Jamais. Em tempo algum. O ouro maciço é de Ester.

Segurança, com a arma enrolada na toalha, dá um tiro na nuca do rei do ouro.

Instantes.

Mudança de luz.

O rei morre.

Segurança perplexo caminha com a arma enrolada no pano e se coloca em frente à parede transparente.

Segurança coloca a arma enrolada na toalha na têmpora.

SEGURANÇA - A minha herança se foi. Meu futuro acabou. Perdi minha paixão.

Segurança atira na cabeça.

Instantes.

Tudo escuro.

CENA 20

Ovo de Ouro/Salão/Apartamento/Noite

Fumaça toma conta.

Luz pouco a pouco ilumina o ovo.

Outro foco de luz ilumina o relógio de pêndulo, que toca seu carrilhão.

Agora vemos o rei de ouro na cadeira de rodas.

Foco no rosto do rei.

REI - Não ouvi, policial... O que perguntou, inspetor? ...Não. Como pode ver aqui no recibo da transação, comprei três toneladas de ouro na Turquia. Que mal há nisso?

Ela mostra o papel enquanto sussurra alguma coisa.

Silêncio.

REI - Estava pensando em voz alta... Ouro, poder e sexo têm o mesmo propósito. Viciam.

Rei começa a rasgar a cópia do comprovante de depósito.

REI - Como definiria o evento? Uma fatalidade... Imprevisível como a revolta dos insignificantes.

Instantes.

REI - Não tem importância rasgar isto. É a cópia da cópia de um recibo... Fazer negócio é como jogar baralho, inspetor. Tem que ter um número limitado de cartas e pronto. Quando se exige muitas cartas, documentos, recibos e leis as possibilidades de roubo são enormes... Imagine um jogo de pôquer com cinco baralhos. Seria o paraíso dos trapaceiros.

Ele joga o recibo rasgado no chão.

REI - Mais uma vez... Não acredita no que contei, inspetor? Se for preciso, repito mil vezes... O pecado deles é imperdoável.

Instantes.

Tudo escuro.

CENA 21

Salão/Apartamento Rei do Ouro/Noite

Luz cresce pouco a pouco.

Mesma ambientação e postura que a Cena 10.

Segurança e enfermeira ficam estáticos olhando os comprimidos espalhados.

O rei começa a tremer.

REI - Estou vivendo o terceiro devaneio.

O rei piora sua convulsão.

REI - O tempo pode parar, sua mãe se afogar... Ouro é para sempre... Um pesadelo que acompanha a humanidade desde as cavernas.

Agora gira os olhos e respira com dificuldade.

Segurança e enfermeira estão paralisados.

SEGURANÇA - Senhor, quem vai ganhar a aposta?

ENFERMEIRA - Diga, meu senhor. Quem?

Rei retira comprimidos do bolso e coloca embaixo da língua.

Instantes.

Rei melhora.

Segurança e enfermeira se aproximam.

REI - A ignorância é um credo. Por que não me ajudaram?

ENFERMEIRA - Coitado. Perdeu um pouco da memória.

SEGURANÇA - Talvez seja melhor chamar um médico.

REI - Ninguém me ajudou.

ENFERMEIRA/SEGURANÇA (EM UNÍSSONO) - Nós dois lhe ajudamos.

REI - Mentira! O melhor amigo do homem é ele mesmo.

ENFERMEIRA - Que pensamento brilhante.

SEGURANÇA - Uma reflexão perfeita.

REI - Uns puxa-sacos... Todo pensamento é dialético. Tem frente e verso.

Instantes.

O rei coloca outro comprimido na boca.

REI - Agora saiam da frente. Me deixem só. Mas antes: um enigma.

Silêncio.

REI - Ester, como se chama a transgressão dourada da Grécia clássica? Aquela que vai afogar você... Enquanto isso, Vitor clama por ouro maciço.

Cai luz vagorosamente.

O relógio começa a tocar e para.

Foco sobre o rei, que se aproxima do ovo de ouro em sua cadeira de rodas.

REI - Inspetor, vou lhe contar como tudo aconteceu. Estava indo para a varanda tomar um pouco de ar... Mas uma força estranha me atraiu para a sala... Então notei que os dois conversavam às escondidas no interior de minha câmara blindada.

Luz cai.

CENA 22

Interior/Camara de Acrílico Transparente/Noite

*Luz se acende na câmara blindada.
Dentro da câmara, enfermeira e segurança conversam.*

ENFERMEIRA - Existe um final e um limite para tudo.

SEGURANÇA - Diga o que pode nos destruir...

ENFERMEIRA - Nós mesmos.

SEGURANÇA - Não seja tola. Diga que me ama, só uma vez. Diz.

ENFERMEIRA - O que vivemos não é um milagre!

SEGURANÇA - É um milagre. Do amor, da paixão...

ENFERMEIRA - Não! Só se forem pequenos milagres dos demônios.

SEGURANÇA - É assim que nos enxerga... Sente...

ENFERMEIRA - Éramos dois adolescentes...

SEGURANÇA - Baixava sua calcinha de algodão... Tinha renda nas bordas... E então, nascia frente aos meus olhos uma pequena teia de aranha...

ENFERMEIRA - Sua voz rouca entrava pelos meus ouvidos... Me penetrava tão profundo, como se meu corpo fosse aberto em dois.

SEGURANÇA - Lembro bem... Que continue assim.

ENFERMEIRA - Você disse que meu corpo não é feito de sabão, que demora anos para gastar... E culpa? Demora anos para crescer.

SEGURANÇA - Beijo. Apenas um.

ENFERMEIRA - Daqui a pouco. O patrão descobriu tudo. Me sinto uma pecadora na beira de um despenhadeiro... Não vou suportar. Toda vez que ele olha para mim, parece ouro derretido queimando meu caráter. Dói.

SEGURANÇA - O que está dizendo? Isso não faz sentido. Nós nascemos com essa atração e vamos morrer com ela.

Enfermeira se aproxima de um painel e tecla alguns botões.

ENFERMEIRA - O patrão sabe. Ele faz o mundo girar. Pode espalhar nosso segredo pelos sete cantos do mundo.

SEGURANÇA - Tolicice. Ele está preocupado com o ouro.

ENFERMEIRA - Seremos escravos dele para sempre.

SEGURANÇA - Já era hora de calar a boca deste homem. Quando mesmo vamos nos livrar dele? Quero meu ovo de ouro.

ENFERMEIRA - E depois do ovo de ouro?

SEGURANÇA - Não estou entendendo...

ENFERMEIRA - Depois do ovo de ouro vamos encontrar o pesadelo do vazio.

SEGURANÇA - Ter ouro nunca foi um pesadelo. É a fonte da riqueza. Ser rico é ser feliz. É estar no paraíso aqui na Terra.

ENFERMEIRA - E depois?

SEGURANÇA - Depois de quê?

ENFERMEIRA - Depois que o ovo de ouro se acabar.

SEGURANÇA - Ele é maciço.

ENFERMEIRA - Não. Existem vazios em tudo e para todos.

Enfermeira agora se aproxima de uma alavanca.

SEGURANÇA - O que pretende fazer com essa alavanca?

Enfermeira baixa a alavanca.

ENFERMEIRA - O vazio do vazio... O depois do ouro. Acabei de bloquear as saídas da câmara blindada.

SEGURANÇA - Por que?

ENFERMEIRA - Para o final do beijo.

SEGURANÇA - Como assim?

Enfermeira se aproxima dele.

ENFERMEIRA - Meu irmão, Vitor. Faltam alguns segundos para terminarmos aquele beijo que começamos na adolescência. O beijo dourado dos irmãos.

SEGURANÇA - Não vejo nossa união como um incesto pecaminoso entre irmãos.

ENFERMEIRA - Mas claro que não é... É pior. É humano.

Eles começam a se beijar.

Subitamente uma fumaça branca (ou azulada) toma conta do ambiente.

Eles se afastam.

Ambos tossem.

Rodam sufocando, com as mãos na garganta.

Sufocam em frente à parede transparente.

Fumaça ofusca o interior da câmara de acrílico.

Segurança e enfermeira deslizam pela parede de acrílico e morrem sufocados.

Mãos e rostos em expressões de terror impressados contra a parede transparente.

Instantes.

Tudo escuro.

CENA 23

Ovo de Ouro/Salão/Apartamento/Noite

Fumaça toma conta.

Luz pouco a pouco ilumina o ovo.

Instantes.

O ovo de ouro se abre.

Música.

Não há nada dentro: trata-se de um espaço vazio.

Instantes.

Foco se apaga subitamente.

Tudo escuro.

Baixa o pano.

Luz na plateia.

Fim de espetáculo.

Ao sair do teatro, o espectador depara com um painel repleto de notícias nacionais e internacionais, em colagens e fotografias (feito por artista plástico), que relatam o assassinato do banqueiro bilionário Safra e sua enfermeira, mortos em um apartamento de luxo pelo seu enfermeiro.

Doc Comparato
Rio de Janeiro, janeiro de 2020

A NOTÍCIA

Texto inspirado em fatos reais

Enfermeiro é condenado a dez anos por morte de Edmond Safra

Um tribunal de Mônaco condenou a dez anos de prisão o enfermeiro americano Ted Maher, por ter iniciado o incêndio que matou o banqueiro Edmond Safra.

Maher estava trabalhando para Safra em 1999, quando o fogo tomou conta do apartamento de luxo do banqueiro, em Monte Carlo.

O enfermeiro confessou ter começado o incêndio, mas seus advogados argumentaram que ele jamais teve a intenção de matar seu patrão.

Safra morreu sufocado juntamente com sua enfermeira Vivian Torrente, depois de ter buscado refúgio no banheiro.

INCÊNDIO

Maher disse, em sua confissão, que começou o incêndio na cobertura de luxo de Safra como uma forma de provar para si mesmo que ele era um herói e ganhar mais respeito do bilionário.

Os promotores dizem que ele acionou o alarme



e se esfaqueou para parecer que tinha sido atacado por um bando.

Descrevendo as mortes como um "terrível acidente", Maher confirmou que tinha iniciado o incêndio numa lata de lixo e depois chamou os serviços de emergência.



O prédio estava fortemente protegido contra invasores



Maher queria ganhar 'respeito' de seu patrão

"Estupidez é repreensível, mas não é um crime", disse Sandrine Setton, uma das suas advogadas de defesa, no encerramento de seu discurso.

RESGATE

Mas a promotoria disse que Maher prejudicou o resgate de Safra e da enfermeira, ao inventar que havia invasores no apartamento.

"Ele causou diretamente as mortes da senhora Torrente e do senhor Safra," disse o chefe da promotoria, Daniel Serdet. "Ele encurralou as vítimas".

O libanês Edmond Safra foi o fundador e principal acionista do Republic National Bank of New York. Ele era um dos homens mais ricos do mundo quando morreu.

Safra sofria do mal de Parkinson e precisava de cuidados constantes.

Segundo o correspondente da BBC, James Coomarasamy, a viúva de Edmond Safra, Lily, é uma das mulheres mais ricas do mundo e amiga pessoal do príncipe Charles.

O AUTOR

Doc Comparato nasceu no Rio de Janeiro em 3 de novembro de 1949. Médico de formação, começou a escrever roteiros enquanto exercia a Medicina. A arte falou mais alto. Há mais de 40 anos passou a se dedicar à escrita. É autor de obras pioneiras na tv brasileira, como **Lambião e Maria Bonita** (1982), primeira minissérie latino-americana e medalha de ouro do New York Film Festival, **O Tempo e o Vento** (1985) e as primeiras séries brasileiras: **Plantão de Polícia**, **Quarta Nobre**, **Mulher** e **A Justiceira**.

É escritor, roteirista, script doctor e conferencista. Suas obras estão publicadas em diversos países da América Latina e Europa e foram traduzidas para o inglês, espanhol, italiano, francês e alemão.

No Teatro, Doc criou três trilogias. A primeira intitulada **Trilogia do Amanhã**, composta de peças escritas nos anos 1980 e 1990: **Plêiades**, **O Beijo da Louca**, que recebeu o antigo Prêmio Nacional de Teatro, e **O Despertar dos Desatinados**. Depois veio a **Trilogia do Tempo**, constituída por peças escritas até o ano 2000: **Nostradamus**, **Michelangelo** e **O Círculo das Luzes** – todos os textos encenados no Brasil e na Itália.

Nostradamus recebeu o prêmio Anna Magnani. Em terceiro veio a **Trilogia da Imaginação**, composta por **Sempre**, **Jamais** e **Eterno**. Com uma capacidade imagética impactante, Comparato nos traz a figura de uma escritora de livros infantis, Calabar e os dias secretos de Orson Welles no Brasil. Em textos aparentemente simples, mas recheados de significados.

Além das trilogias, Doc assina outros textos de sucesso, como a peça infantil **A Incrível Viagem** (1985), e **As Tias** (1982), escrita em parceria com Aguinaldo Silva.



Uma das obras literárias mais importantes de Doc Comparato é o livro **Da Criação ao Roteiro**, que apresenta técnicas para o desenvolvimento e escrita de roteiros para Cinema, Teatro e Televisão. É considerado uma fonte fundamental para o estudo do tema e adotado como material didático em universidades e escolas ao redor do mundo. Em 2018, **Da Criação ao Roteiro** ganhou uma edição em comemoração aos 40 anos de profissão do autor, que inclui principalmente teoria, roteiros, exemplos, exercícios, etc. sobre streaming, novas mídias, redes sociais, manipulação de notícias, fake news, realidade virtual, games, webséries, objetos dramáticos, animação e até inteligência artificial. A obra já está sendo traduzida para lançamento na Espanha e países de língua espanhola em 2020.